

A SÍNTESE DO IOGA

Sri Aurobindo

33 – As Gradações da Supramente (I)

11.06.23

(Parte IV – Capítulo XXI)

- A Aventura da Consciência e da Alegria -

Ciclo de Estudos da CASA Sri Aurobindo

2020 - 2023

1

A mente intuitiva é
uma tradução imediata da verdade em termos mentais,
semitransformadas por uma substância supramental irradiante;

é a tradução de um autoconhecimento infinito
que atua acima da mente, no espírito supraconsciente.

Esse espírito manifesta-se a nós, primeiro,
como um self maior que está, ao mesmo tempo,
acima de nós, em nós e ao nosso redor,

e nosso self atual, nossa personalidade e nossa natureza mentais, vitais e físicas
são uma porção imperfeita dele, um derivado parcial,
um símbolo inferior e inadequado

e, à medida que a mente intuitiva cresce em nós
e todo o nosso ser se torna mais moldado a uma substância intuitiva,
sentimos uma espécie de semitransformação de nossos membros
que os muda na natureza desse self, desse espírito maior.

2

Todo o nosso pensamento, nossa vontade, impulsos, sentimentos
 e, no final, mesmo todas as nossas sensações mais exteriores, vitais e físicas
 tornam-se, cada vez mais, transmissões diretas do espírito
 e assumem outra natureza, cada vez mais pura,
 imperturbável, poderosa e luminosa.

Esse é apenas um lado da mudança:
 do outro lado, tudo o que pertence ainda ao ser inferior,
 tudo que ainda nos parece vir de fora
 ou ser sobrevivência da ação de nossa velha personalidade inferior,
 sente a pressão da mudança
 e tende cada vez mais a modificar-se
 e a transformar-se na substância e na natureza novas.

O superior desce e toma grande parte do lugar do inferior,
 mas o inferior também muda, transforma-se no material da ação,
 torna-se parte da substância do ser superior.

3

O vasto espírito acima da mente aparece, no início, como
 uma presença, uma luz, um poder, uma fonte, um infinito,
 mas tudo o que podemos conhecer dele no começo é
 uma identidade infinita de ser, consciência, poder de consciência, Ananda.

Tudo o mais vem daí, mas não toma a forma determinada de
 um pensamento, de uma vontade ou de um sentimento acima de nós,
 salvo na mente intuitiva e nesse nível.

Ou, ainda, sentimos e percebemos de diversas maneiras
 um Purusha vasto e infinito
 que é a verdade eternamente viva desse ser e dessa presença,
 um conhecimento vasto e infinito
 que é a potência dessa luz e dessa consciência,
 uma vontade vasta e infinita
 que é a potência desse poder de consciência,
 um amor vasto e infinito que é a potência dessa Ananda.

4

Mas todas essas potências,
 à parte sua forte realidade e o efeito de sua presença essencial,
 só nos são conhecidas de alguma maneira definida
 na medida em que são traduzidas para nosso ser mental intuitivo
 e no nível dele, dentro dos seus limites.

No entanto, à medida que progredimos
 e nos unimos cada vez mais,
 de maneira luminosa e dinâmica,
 a esse espírito ou Purusha,
 manifesta-se uma ação superior
 do conhecimento, da vontade e do sentimento espiritual
 e parece organizar-se acima da mente,
 e isso nós reconhecemos como a verdadeira supramente
 e o jogo real e original
 do conhecimento, da vontade e da Ananda infinitos.

5

Essa ação dupla nos dois planos de nosso ser (superior e inferior),
 fortalece primeiro a mentalidade intuitiva enquanto operação secundária,
 e a ajuda a expelir ou a transformar de maneira mais completa
 as sobrevivências, as invasões ou os acréscimos da ignorância.

E cada vez mais essa ação intensifica
 a própria mentalidade intuitiva em sua luz de conhecimento
 e, por fim, a transforma em imagem da própria supramente,
 mas, em geral, começa na ação mais limitada da gnose,
 quando esta assume a forma daquilo que poderíamos chamar
 uma razão supramental luminosa ou razão divina.

É como essa razão divina que a própria supramente, no início,
 pode manifestar sua ação e, então,
 quando ela muda a mente em sua própria imagem,
 ela desce e toma o lugar da inteligência e da razão comuns.

6

Nesse meio tempo, um poder supramental superior,
de um caráter muito mais vasto,
revela-se acima e toma a alta direção da ação divina no ser.

A razão divina é de caráter mais limitado porque,
embora não tenha a marca mental
e seja uma operação direta da verdade e do conhecimento,
ela é, no entanto, um poder delegado
para uma gama de propósitos superiores em luz
(mas, ainda assim, até certo ponto, análogos)
àqueles da vontade e da razão humana comuns;

é na supramente ainda mais alta
que intervém a ação direta,
inteiramente revelada e imediata,
do Ishwara no ser humano.

7

Essas distinções entre
a mente intuitiva, a razão divina, a supramente superior
e outras gradações dentro dessas próprias gradações,
devem ser feitas porque, mais tarde,
elas se tornam de grande importância.

No início,
a mente toma tudo o que lhe vem dos planos além
sem distinção,
como uma iluminação espiritual suficiente,
e aceita mesmo estados iniciais e primeiras iluminações
como fins últimos,
mas depois percebe que permanecer aí
seria permanecer em uma realização parcial,
e que é preciso continuar a elevar-se e a ampliar-se
até que ao menos seja alcançada
certa completude na amplitude e na estatura divinas.

8

É difícil para o intelecto
apreender o sentido
de todas essas distinções supramentais:

os termos mentais
pelos quais elas podem ser traduzidas
estão faltando ou são inadequados,
e essas gradações
só podem ser entendidas
após certa visão
ou certas aproximações
adquiridas na experiência.

Certo número de indicações
é tudo o que,
no presente,
pode ser útil oferecer.

9

E, primeiro,
será bastante notar
certos indícios na mente pensante,
pois é aí que algumas chaves
mais próximas da ação supramental
podem ser descobertas.

O pensamento da mente intuitiva
procede inteiramente por meio de quatro poderes
que dão uma forma à verdade:

uma intuição que sugere a ideia da verdade;
uma intuição que discerne;
uma inspiração que traz a palavra da verdade
e algo de sua substância superior;
uma revelação que molda à nossa visão
a própria face

e o próprio corpo de sua realidade.

10

Essas coisas não são, de nenhum modo,
semelhantes a certos movimentos
da inteligência mental comum,
que parecem análogos
e nossa inexperiência inicial
confunde com a intuição verdadeira.

A intuição sugestiva não é a mesma coisa que
a perspicácia intelectual de uma inteligência rápida
e o discernimento intuitivo não é
a apreciação ágil do intelecto racional;
a inspiração intuitiva não é idêntica
à ação inspirada da inteligência imaginativa,
nem a revelação intuitiva é igual
à luz forte de uma compreensão íntima
e de uma experiência puramente mentais.

11

Poderia ser exato talvez, dizer que essas atividades citadas
são representações mentais de movimentos superiores,
tentativas da mente comum que busca fazer a mesma coisa,
ou as imitações intelectuais melhores possíveis,
do modo de funcionar da natureza superior.

As intuições verdadeiras diferem dessas imitações
eficazes, mas insuficientes:
elas diferem por sua substância de luz,
por seu modo de ação e seu método de conhecimento.

rapidez do intelecto depende de
uma série de instantes despertos da ignorância mental de base,
que abre os olhos às imagens e representações mentais da verdade
– que podem ser plenamente válidas
em seu campo próprio e para seus propósitos,
mas não são necessariamente e por natureza, confiáveis.

12

Para emergir, elas dependem
das sugestões fornecidas pelos dados mentais e sensoriais
ou da acumulação do conhecimento mental anterior.

Elas buscam a verdade como algo externo,
um objeto a ser encontrado,
observado e armazenado como uma aquisição,
e quando o encontram
o examinam de maneira minuciosa,
sua superfície, seus aspectos, o que sugere.

Esse exame minucioso nunca pode dar
uma ideia inteiramente completa e adequada da verdade.

Por mais positivas que essas representações e imagens
possam parecer no momento,
a cada instante elas devem ser ultrapassadas, rejeitadas
e consideradas incompatíveis com o conhecimento novo.

13

O conhecimento intuitivo, ao contrário,
por mais limitado que possa parecer em seu campo de ação ou em sua aplicação
é, nos limites desse campo, seguro.

Ele nos dá uma certeza imediata, durável, e sobretudo autoexistente.

Pode ser que ele tome como ponto de partida
os dados da mente e dos sentidos
ou, antes, que busque aclarar e revelar o sentido verdadeiro desses dados
ou, então, conduza uma linha de pensamentos e conhecimentos passados
a novos significados e novas conclusões,
mas ele não depende de nada, apenas de si mesmo,
e pode brotar de seus próprios campos brilhantes,
independente de sugestões ou informações prévias;
esse tipo de ação se torna cada vez mais comum
e acrescenta-se a outro para abrir novas profundezas
e extensões de conhecimento por identidade.

14

É a revelação de um conhecimento que é secreto, mas já existente no ser:
 não é uma aquisição,
 mas algo que estava sempre aí e pronto a revelar-se.

O conhecimento intuitivo vê de dentro a verdade,
 e ilumina o exterior com essa visão interior
 e harmoniza-se também, sem dificuldade
 – desde que nos mantenhamos intuitivamente despertos –
 com todas as verdades novas que estão por vir.

Essas características se tornam mais pronunciadas e intensas
 nas zonas superiores, nas expansões supramentais propriamente ditas;

na mente intuitiva elas não são, talvez,
 sempre reconhecíveis em toda sua pureza e completude,
 devido à mistura da substância mental e de seus acréscimos,
 mas na razão divina e na ação supramental superior,
 elas se liberam e tornam-se absolutas.

15

A intuição sugestiva,
 quando opera no nível mental,
 comunica uma ideia interior direta e iluminadora da verdade,
 uma ideia que é a imagem verdadeira
 e um indicador da verdade,
 não ainda a visão total, nem a visão concreta,
 mas, antes, é como uma lembrança brilhante de uma verdade,
 um reconhecimento de algum segredo do conhecimento do self.

Ela é uma representação viva,
 não um símbolo ideativo,
 um reflexo, mas um reflexo que é iluminado
 por algo da real substância da verdade.

O discernimento intuitivo é uma operação secundária
 que põe essa ideia da verdade em seu justo lugar
 e em sua relação com outras ideias.

16

E enquanto houver o hábito
da intervenção e acréscimo mentais,
ele servirá também para distinguir
a visão mental da visão mais alta,
para separar a substância mental inferior
que estorva com sua mistura
a pura substância da verdade,
e laborará para desenredar
a mistura confusa de ignorância e conhecimento,
de falsidade e erro.

Assim como a intuição é da natureza de uma memória,
de uma lembrança luminosa de uma verdade autoexistente,
do mesmo modo
a inspiração é da natureza da escuta verdadeira:

17

ela é uma recepção imediata da própria voz da verdade,
ela atrai de imediato a palavra que a incarna com perfeição
e ela contém algo mais que a luz da ideia da verdade:

ela captura o fluxo da realidade interior da verdade
e o vívido movimento do fluir de sua substância.

A revelação é da natureza da visão direta,
pratyaksa-drsti,
e torna evidente à nossa visão
a coisa em si mesma,
da qual a ideia é uma representação.

Ela torna visíveis o próprio espírito,
o ser e a realidade da verdade,
e os torna parte da consciência
e da experiência.

18

No processo de desenvolvimento da natureza supramental,
 supondo-se que siga uma gradação regular,
 pode-se ver que os dois poderes inferiores aparecem primeiro
 – embora não necessariamente vazios de toda ação dos poderes superiores –
 e à medida que se desenvolvem e seu modo de funcionar se torna normal,
 eles formam uma espécie de gnose intuitiva inferior.

A combinação dos dois primeiros poderes
 é necessária para a perfeição da gnose inferior.

Se o discernimento intuitivo opera por si mesmo,
 ele cria uma espécie de iluminação crítica
 que age nas ideias e percepções do intelecto
 e as gira em direção a elas mesmas
 a fim de que a mente possa separar a verdade delas de seu erro;
 no final ele cria, em lugar do julgamento intelectual,
 um julgamento intuitivo luminoso, uma espécie de gnose crítica:

19

mas é possível que isso seja desprovido
 de um conhecimento iluminador novo,
 ou crie apenas o bastante de uma ampliação da verdade,
 como seria a consequência natural quando ela se separa do erro.

Por outro lado,
 se a intuição sugestiva opera sozinha,
 sem esse discernimento,
 há, de fato, acessos contínuos a verdades e luzes novas,
 mas elas são facilmente rodeadas e estorvadas
 pelos acréscimos mentais,
 e sua conexão, sua relação,
 o desenvolvimento harmonioso de uma à outra
 é enevoadado e rompido pela interferência.

Cria-se um poder de percepção intuitivo, ativo, regular,
 mas não uma mente de gnose intuitiva completa e coerente.

20

Os dois poderes juntos suprem as insuficiências da ação isolada de cada um e constroem uma mente de percepção e discernimento intuitivos, que pode fazer o trabalho da inteligência mental tropeçante e mais ainda – e fazê-lo com a luz, a segurança e o poder superiores de uma ideação direta e infalível.

Do mesmo modo, os dois poderes superiores criam uma gnose intuitiva superior.

Quando agem na mentalidade como dois poderes separados, eles também não são, em si mesmos, suficientes sem as atividades associadas.

De fato, a revelação pode apresentar a realidade, as identidades da verdade como ela é em si e acrescentar algo de muito poder à experiência do ser consciente, mas pode faltar-lhe a palavra que encarna, a ideia que faz brotar, a busca coerente das relações e das conseqüências:

21

podemos possuí-la em nosso self, mas sermos incapazes de comunicá-la às outras partes do self e mediante essas partes.

Pode haver aí a presença da verdade, mas não sua manifestação completa.

A inspiração pode dar a palavra da verdade, o sopro de sua *dynamis* e de seu movimento, mas isso não é a coisa completa e segura em seus efeitos sem a revelação completa de tudo o que ela contém e sugere luminosamente, e sem que suas relações com o todo sejam organizadas.

A mente intuitiva inspirada é uma mente constituída de relâmpagos que iluminam numerosos pontos obscuros, mas a luz necessita ser canalizada e fixada em uma corrente de esplendores regulares que formarão um poder estável de conhecimento organizado de maneira lúcida.

22

A gnose superior,
 por si mesma e por seus dois poderes,
 seria uma mente de esplendores espirituais
 absorvida de maneira exclusiva em seu próprio domínio,
 a produzir, talvez, de maneira invisível,
 seus efeitos sobre o mundo,
 mas lhe faltaria um elo de comunicação mais estreito
 e mais comum com os movimentos mais normais da mente
 – o elo que é fornecido pela ação ideativa inferior.

A ação unida – ou então
 a ação amalgamada e unificada dos quatro poderes
 constitui a gnose intuitiva completa,
 armada e equipada de maneira plena.

23

Um desenvolvimento regular,
 que permitisse certa manifestação simultânea dos quatro poderes,
 começaria já a criar, em uma escala extensa o suficiente,
 a mente intuitiva sugestiva inferior e crítica
 e, então, desenvolveria acima dela
 a mentalidade intuitiva inspirada e reveladora.
 Em seguida, tomaria os dois poderes inferiores
 e os elevaria ao poder e ao campo da inspiração
 e faria agir o todo em uma única e mesma harmonia
 ou, em uma intensidade mais alta, em uma única e mesma luz indivisível
 que faria, ao mesmo tempo, o trabalho dos três reunidos e unificados.

Por fim, em um movimento similar,
 ele tomaria esses três poderes
 e os elevaria ao poder revelador da gnose intuitiva
 e os fusionaria.

24

De fato, na mente humana,
o processo claro de desenvolvimento tende sempre a ser mais ou menos
perturbado, confundido e tornado irregular em seu curso,
sujeito a recaídas, avanços incompletos,
retornos a coisas não cumpridas,
ou cumpridas de maneira imperfeita
devido à mistura constante
e à intervenção dos movimentos existentes
da semiconsciência mental
e da obstrução proveniente da substância da ignorância mental.
No final, porém, poderá vir um tempo em que o processo será completo,
o tanto que seja possível no nível da mente,
e poderá formar-se com clareza uma luz supramental mitigada
composta desses quatro poderes,
o mais alto a conduzir ou a absorver os demais em seu próprio corpo.

25

Nesse ponto,
quando a mente intuitiva estiver plenamente formada no ser mental
e for bastante forte para dominar,
talvez mesmo para ocupar inteiramente
o lugar das diversas atividades mentais,
um outro passo tornar-se-á possível:
a elevação do centro e do nível de ação acima da mente
e a predominância da razão supramental.

A primeira característica dessa mudança é uma reversão completa,
uma reviravolta, poder-se-ia quase dizer, de todas as atividades.

No presente, vivemos na mente,
e sobretudo na mente física,
mas ainda assim não como o animal,
que está de todo submerso
nas operações físicas, vitais e sensoriais.

26

Ao contrário,
nós alcançamos certa elevação mental
de onde podemos olhar do alto
as atividades da vida, dos sentidos, do corpo,
e dirigir-lhes a luz mental superior,
refletir, julgar, usar nossa vontade
para modificar a ação da natureza inferior.

Por outro lado, dessa elevação erguemos os olhos também,
de maneira mais ou menos consciente,
para algo acima, do qual recebemos,
seja de maneira direta,
seja através de nosso ser subconsciente ou subliminar,
impulsos supraconscientes secretos
que animam nosso pensamento, nossa vontade
e todas as nossas outras atividades.

27

O processo dessa comunicação é velado, obscuro
e, em geral, as pessoas não o percebem,
exceto em certas naturezas altamente desenvolvidas;
mas quando avançamos no conhecimento de nós mesmos,
descobrimos que todo nosso pensamento e toda nossa vontade
originam-se no alto,
embora tomem forma na mente,
e é aí que começam a se tornar abertamente ativos.

Se desfizemos os nós da mente física
que nos atam ao instrumento cerebral
e nos identificam com a consciência corporal,
conseqüiremos nos mover na mentalidade pura,
e essa origem superior
se tornará clara à nossa percepção
de maneira constante.

28